



5^{as} Jornadas

ARTIS

INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

05 DE
MAIO
2017

ANFITEATRO 3
FLUL

INÍCIO:
14.30H

RESUMOS

Hélder Carita

(investigador convidado)

*A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro, Anatomia dos Interiores:
Metodologias e Perspectivas de Investigação*

Ricardo Nunes da Silva

*As Representações Gráficas e a sua Realidade na
Arquitetura Tardo-Gótica Portuguesa*

Joaquim Inácio Caetano

*O Papel Decorativo da Pintura a Fresco dos Séculos XV e XVI
em Portugal e a Imitação de Tecidos: Estudo de um Motivo Decorativo*

Graça Cravinho

A Glíptica: Origens e Evolução

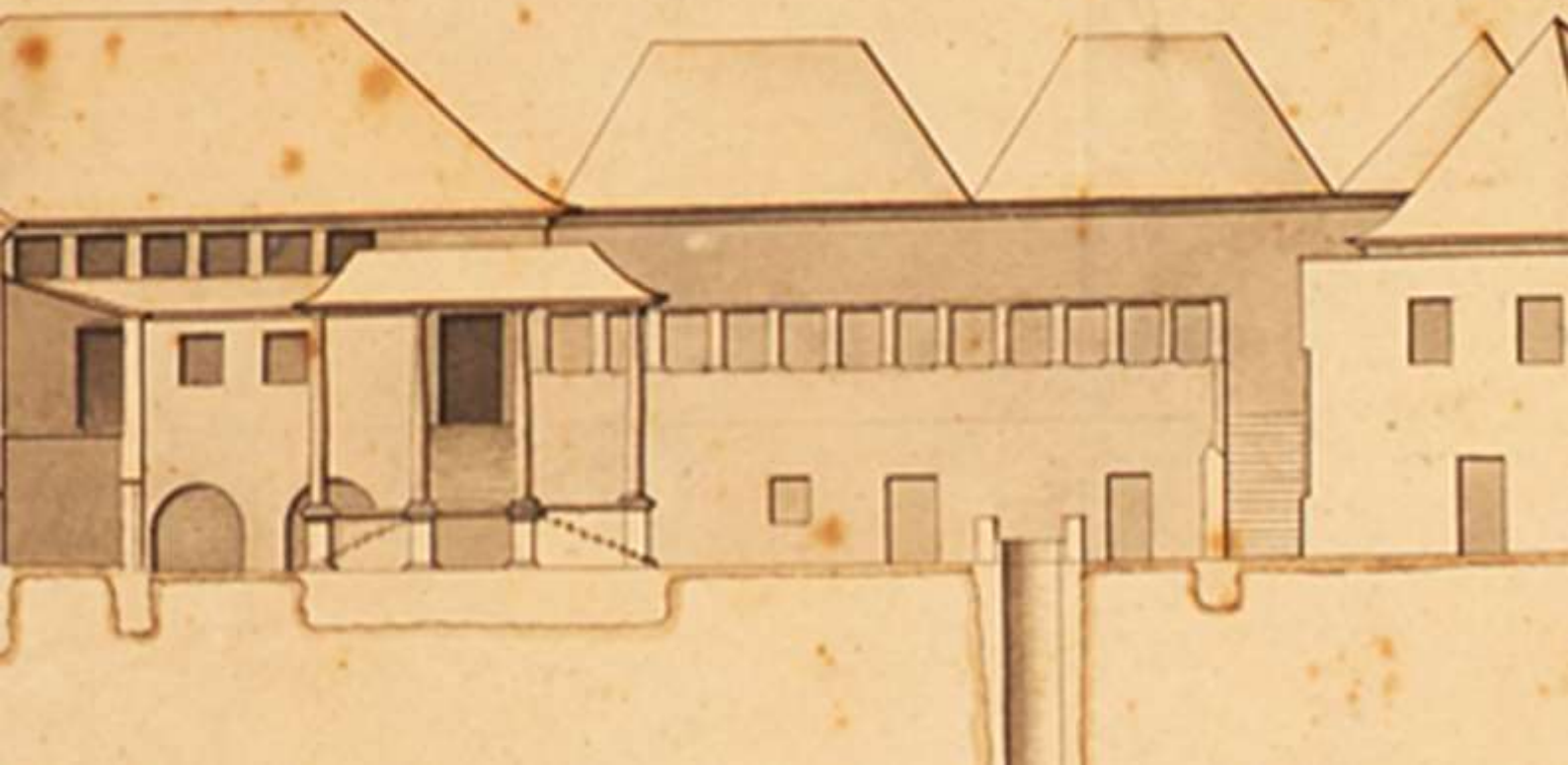


Hélder Carita

*A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro, Anatomia dos Interiores:
Metodologias e Perspectivas de Investigação*

Agregando um conjunto de investigadores do Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa e da Fundação da Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, este projecto financiado pela FCT desenvolveu ao longo do seu processo uma metodologia de investigação cruzando as análises formais com fontes primárias, documentação sobre plantas de época, inventários, contractos de obra, testamentos, etc. Deste trabalho resultou ainda um site que em processo de alargamento pretende constituir-se como uma base de dados interactiva sobre este tema.

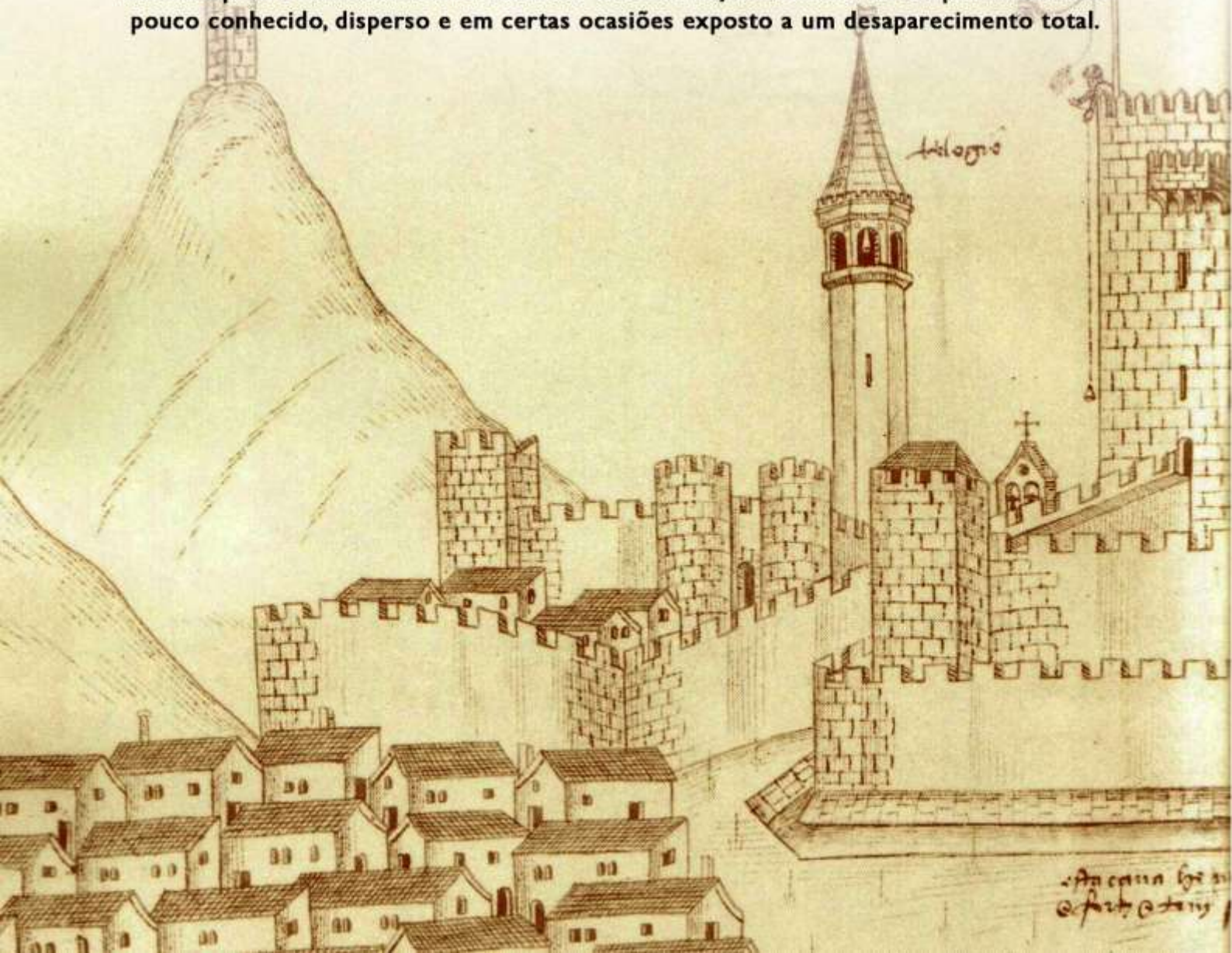
rio da Fortaleza, em que rezidiraõ toc
õ despovuoou a Cidade.



Ricardo Nunes da Silva
*As Representações Gráficas e a sua Realidade
na Arquitetura Tardo-Gótica Portuguesa*

O estudo das representações gráficas na arquitetura tardo-gótica (traças e montes) é uma área praticamente inexistente na historiografia portuguesa. O conhecimento e respetivo conhecimento destas representações permitem entender a complexidade, método e o progresso técnico da construção dos edifícios do século XV e da primeira metade do século XVI, onde o desenho minucioso, com recurso a régua e compasso, mostra alto rigor da execução e fundamental para a construção.

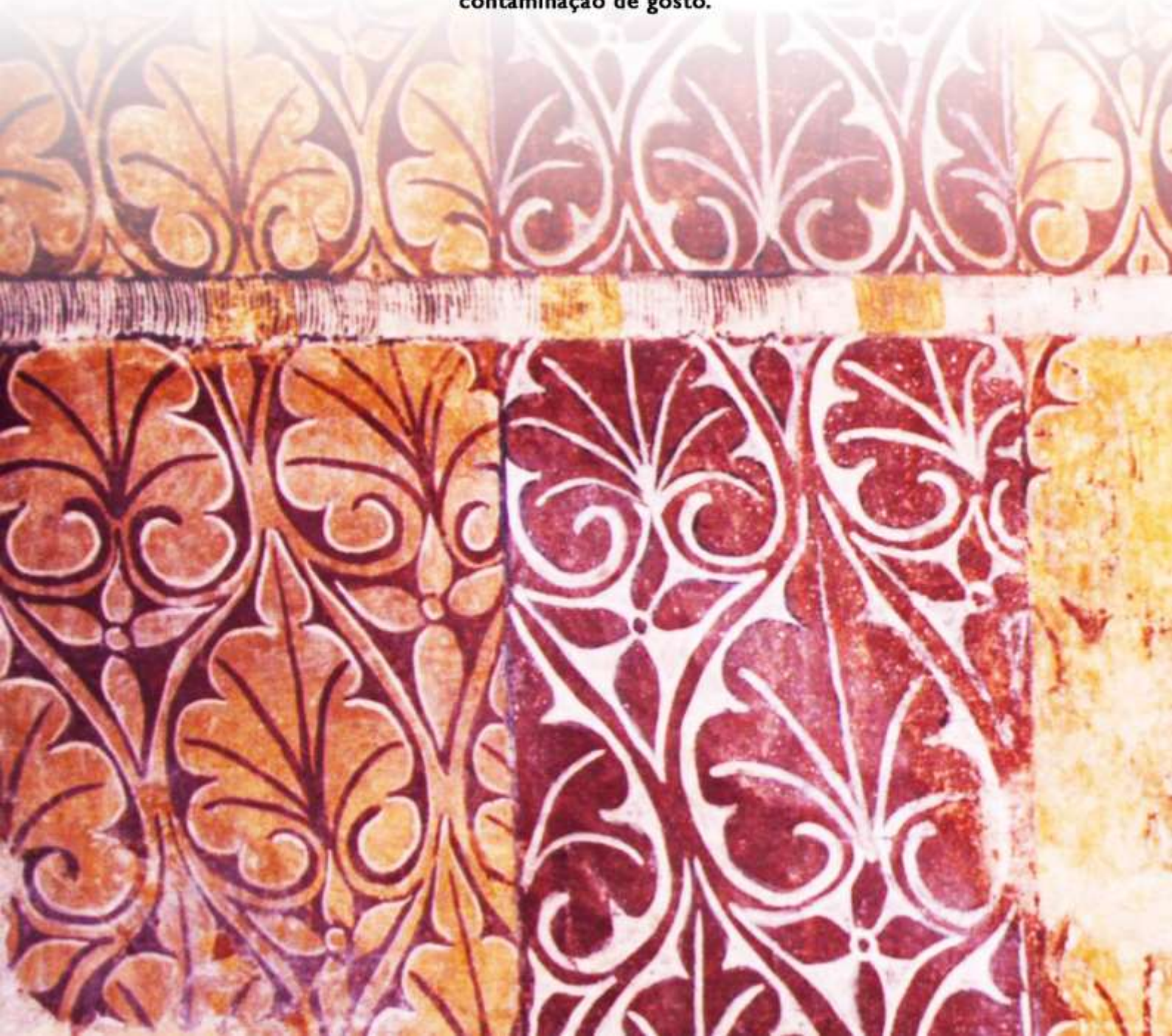
Neste contexto, a comunicação, enquadrada no projeto de investigação *Los diseños de arquitectura en la Península Ibérica entre los siglos XV y XVI: Inventario y catalogación*, debruça-se sobre esta escassa realidade nacional, tendo por finalidade contribuir para a construção de um corpus documental peninsular destes elementos técnicos, permitindo assim ampliar o conhecimento e favorecer a conservação e difusão de um património tão pouco conhecido, disperso e em certas ocasiões exposto a um desaparecimento total.



Joaquim Inácio Caetano

*O Papel Decorativo da Pintura a Fresco dos Séculos XV e XVI
em Portugal e a Imitação de Tecidos: Estudo de um Motivo Decorativo*

A pintura a fresco dos séculos XV e XVI, além da sua função catequética e devocional, desempenha também um papel importante na transformação da leitura dos espaços onde se insere através da imitação de outros materiais como, no caso presente, de tecidos. Apresentamos o caso da utilização de um motivo na representação de tecidos lavrados, a palmeta, que aparece somente numa área restrita do Norte de Portugal e na zona correspondente do lado espanhol, facto que pode corresponder a um fenómeno de contaminação de gosto.



Graça Cravinho *A Glíptica: Origens e Evolução*

A palavra Glíptica, que designava na antiga Grécia a arte de gravar, por incisão, gemas preciosas e semi-preciosas (os entalhes), viria também a designar na época helenística o desbaste em camadas das gemas polícromas (oscamafeus). Desde as mais antigas peças que conhecemos (encontradas na Mesopotâmia, na estação Calcolítica de Tepe Gawra) até aos nossos dias, há uma longa evolução na sua forma, função, temas e valor artístico. Aos gravadores de gemas da antiga devemos autênticas obras de arte mas, após as campanhas de Alexandre Magno, com o maior afluxo de gemas e a interpenetração das culturas orientais, as tradicionais gemas de cor uniforme deram lugar às gemas coloridas e polícromas e fizeram surgir o "retrato". Foi com os Gregos do Sul de Itália e com os Etruscos que os Romanos aprenderam esta arte; contudo, ao longo dos sécs. III e IV d.C., a produção glíptica foi diminuindo e empobrecendo dada a dificuldade na obtenção das gemas e a sua maior substituição pela pasta vítrea. Mas manteve-se na Idade Média, quer na produção quer (sobretudo) na reutilização de entalhes e camafeus romanos. O novo fulgor da Glíptica viria com o Renascimento, a época Barroca e o período Neo-Clássico. Outros materiais começaram, então, a ser utilizados: o diamante, a concha, a madre-pérola, o coral, a lava, o enxofre, a malaquite e a cerâmica (de que são exemplo os pseudo-camafeus de Wedgwood).

